

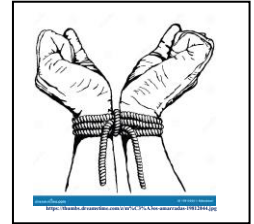
11-10-2023



## CARTAS DE AMOR DE UM HERÓI COM AS MÃOS AMARRADAS

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]



Manoel Raimundo Soares nasceu em Belém, em 1936, e morreu assassinado pelo Exército Brasileiro, em Porto Alegre, em 1966. Sua morte é emblemática por ter sido uma das primeiras mortes registradas no início da ditadura militar brasileira (1964-1985). Sargento do Exército, leitor voraz exercia uma certa liderança entre seus colegas ao lutar por direitos de cidadania e democratização das Forças Armadas. Em 1963, mesmo antes da ditadura, começou a sofrer perseguições no batalhão de saúde onde servia, no Rio de Janeiro, e foi transferido para o Mato Grosso. Assim que houve o golpe militar, Manoel foi preso e fugiu. Viveu dois anos na clandestinidade e, nela, encontrava sua esposa Elisabeth eventualmente. Durante o período participou do Movimento Revolucionário 26 de Março (MR-26) e mudou para Porto Alegre em busca de emprego. Numa das oportunidades de trabalho foi apresentado a um elemento que era informante da polícia política. No Auditório Araújo Vianna, um espaço cultural localizado no Parque Farroupilha, onde trabalhava, foi preso ao distribuir panfletos considerados “subversivos”, no dia 11 de março de 1966. A prisão foi efetuada por dois sargentos disfarçados e Manoel foi levado ao quartel da 6ª Companhia de Polícia do Exército. Lá, imediatamente foi interrogado e torturado. Transferido ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social - RS), ficou incomunicável e era torturado todas as noites com pau-de-arara, choque elétrico, espancamento e queimadura de cigarro. Alguns colegas de farda presos declararam anos depois que Manoel, enquanto era barbaramente torturado, cantava o Hino Nacional Brasileiro e a Marselhesa, sem se dobrar aos algozes e sem delatar seus colegas. Alguns dias depois foi transferido para a Ilha do Presídio, também chamada de Ilha das Pedras Brancas, localizada no lago do Guaíba, grande região de Porto Alegre. Antes, era chamada de Ilha da Pólvora, quando abrigava um depósito de munição do Exército. Por algum tempo a amaldiçoada ilha foi um espaço de pesquisa com animais, especialmente os porcos com peste suína, como seriam tratados logo depois os presos políticos pelos porcos da ditadura militar. Tempos depois, a Ilha recebeu a triste alcunha de Ilha do Presídio, por prender crianças e adolescentes que cometiam pequenos delitos e, segundo os “donos da verdade” sobre a normalidade mental, pessoas jovens com problemas psiquiátricos. De certo modo, porcos também para uma sociedade cronicamente fascista. Finalmente, com a instauração da também porca ditadura militar, a Ilha do Presídio assumiu seu verdadeiro nome para os algozes, onde centenas de pessoas, a maioria jovens, foram encarceradas e torturadas entre os anos 1960 e 1970. Enfim, não havia melhor local para o Estado brasileiro cometer assassinatos onde, originalmente, havia um depósito militar de pólvora. Foi lá que Manoel foi assassinado. Embora incomunicável, Manoel conseguiu enviar algumas cartas para sua esposa Elisabeth, onde apontava os nomes de muitos dos que seriam seus assassinos propriamente ditos, pois já o eram, antes de sua morte. Não é preciso dizer que nenhum desses covardes foi punido. Assim é o Brasil. Assim são as Forças Armadas. Cinco meses depois de sua prisão na Ilha do Presídio, Manoel foi encontrado com as mãos amarradas às costas, boiando no Guaíba, no dia 24/08/1966. Por isso, o caso de Manoel é conhecido como o **CASO DAS MÃOS AMARRADAS**. Os torturadores e assassinos mais covardes não se contentam em torturar e matar: amarram as mãos às costas dos assassinados, covardes que são. Os nomes desses animais são conhecidos. Só não vamos sujar nossas bocas por aqui anunciando-os. A Ilha do Presídio, desativada em 1983, foi reconhecida e tombada, em 2014, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul. Mas não é de morte, covardia, tortura, assassinato e sobre o papel do Exército Brasileiro na história do Brasil que queremos falar. Queremos falar de AMOR. Manoel, aos 19 anos, já no Exército, casou-se com Betinha (Elisabeth Chalupp - uma mineirinha operária no Rio de Janeiro). Durante o curto período que viveu na prisão, até ser assassinado, as cartas que Manoel enviava à mulher amada estão guardadas. Numa delas dizia à Betinha: “*Você NÃO precisa vir aqui. Isto não ajudará NADA e você não conseguirá ver-me. Não permitirão.*” Pedia a ela calma, “*pois, nestas horas só a calma ajuda*”. Em outra carta pedia a ela que procurasse “*o Dr. Sobral Pinto, à rua Debret nº 39*” (Rio de Janeiro) para um “*pedido de habeas no Superior Tribunal Militar*”. Em outra carta: “*Em meu corpo ficaram gravadas algumas das medalhas com que me agraciaram. Aqui estou sem sapatos, sem roupas de frio, sem cobertas, usando unicamente uma camisa de Nylon e uma calça de lã preta...*”



**Mas, para Manoel, um homem que dizia: O MARTELAR DAS OFICINAS, O RIBOMBAR DOS TAMBORES CONFUNDIR-SE-ÃO COM O CHORO DAS CRIANÇAS FAMINTAS. O INSTRUMENTO DE TRABALHO DOS SARGENTOS É O FUZIL, o que importava mais era o amor por Betinha. Deixemos ele falar por suas cartas....**

*Como vê o papel está acabando, por isto aproveito para lembrar-te que meu pensamento é só para ti; durante todas as horas destes últimos dias não saís do meu pensamento. O banquinho da cozinha, os beijos nos olhos, tudo aquilo que liga meu corpo a tua alma (ou espírito que é mais certo).*

*Recebe mil beijos e um caminhão de abraços do teu Manoel.*

*Ainda estou vivo. Espero de todo o coração que você tenha recebido as cartas que remeti anteriormente. Esta é a oitava. Nunca pensei que o sentimento que me une a você chegasse aos limites de uma necessidade. Nestes últimos dias, tenho sido torturado pela idéia de que estou impedido de ver teu rosto ou de beijar teus lábios. Todas as torturas físicas a que fui submetido na PE e no DOPS não me abateram. No entanto, como verdadeiras punhaladas, tortura-me, machuca, amarga, este impedimento ilegal de receber uma carta, da mulher, que hoje, mais do que nunca, é a única razão de minha vida.*

*[...] já tenho escova de dente, sabonete e até roupas e sapatos, fizeram chegar até aqui. Mas, nada disso pode aliviar a dor que me causa o fato de não poder receber cartas de minha Beta. Acredito que minha situação ainda não mudou muito.*

*Até hoje (amanhã completam-se quatro meses), não fui ouvido em IPMs. [Inquéritos Policial-Militares] e desde que mandaram-me para esta ilha não mais saí.*

*Apesar do sofrimento espiritual a que estou submetido, ainda assim recomendo que você mantenha a calma. [...] Acredito que agora, você já poderia tentar visitar-me aqui em Porto Alegre. O que você acha disto? Espero que você não tenha estado em dificuldades em matéria de dinheiro. Isto seria para mim pior do que a pior coisa que pudesse me acontecer. Não podendo abraçá-la com a força do bem que te desejo, deixa que em forma espiritual, te beije ardentemente, este que é até morrer, o teu Manoel.*

*A saúde que havia chegado ao meu corpo, partiu, deixando a normalidade que você tão bem conhece. Fígado, intestinos e estômago. Espero de todo o coração que você tenha recebido as cartas anteriores. Esta é a de número nove. Penso que a estas horas você deve estar chorando. Não quero isso. A jovem senhora, valente, das respostas desconcertantes, deve agora, substituir a moça ingênua e humilde com quem tive a felicidade de casar.*

*Nestes últimos dias tenho sido torturado pela realidade de estar impedido de ver o rosto da mulher que amo. Eu trocava se possível fosse, a comida de oito dias, por oito minutos junto ao meu amor, ainda que fosse só para ver. Tenho uma fé inabalável de que, os adversários não conseguirão destruir nosso amor. Sei hoje, que você tinha razão, em muitas de nossas discussões sobre nosso tipo de vida.*

*Você ganhou. [...] Tudo passará. A política, a cadeia, os amigos; só uma coisa irá durar até a morte: o amor que tenho por essa mulherzinha que é hoje, a única razão de querer viver, deste presidiário. [...] Só agora avalio o que é estar junto da mulher amada. Com a tranqüilidade da certeza de que apesar de tudo ainda mereço o teu amor remeto um caminhão de beijos, com o calor dos dias mais felizes de nossa vida. Do sempre teu Manoel.*

#### Algumas fontes de apoio

- <https://www.youtube.com/watch?v=6hD8JIHbu3w>
- [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQtA--RZ3KoHcoW7eEck\\_50Vm\\_uJdodOiv18rexal8MnGTrSHIFq9G2GHZC1xrA6b1-Uxo&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQtA--RZ3KoHcoW7eEck_50Vm_uJdodOiv18rexal8MnGTrSHIFq9G2GHZC1xrA6b1-Uxo&usqp=CAU)
- [Ilha do Presídio – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_do_Pres%C3%ADio)
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel\\_Raymundo\\_Soares](https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_Raymundo_Soares)
- <https://www.academia.edu/11182735/POR MAIS TERRAS QUE EU PERCORRA a trajet%C3%B3ria do sargento Manoel Raimundo Soares>

**OBS.** Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.